

NAMORADEIRAS:

Entre Lélia e Lacan, uma análise do discurso da (de)nega(ção) brasileira¹



Giovanna Maiuri Prioste
gmprioste@gmail.com

Graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e em Filosofia pela Universidade de São Paulo, mestranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, USP



Jayne Ornelas Pereira
jayne_ornelas@hotmail.com

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, mestranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, USP

**NAMORADEIRAS:
ENTRE LÉLIA E LACAN, UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA
(DE)NEGA(ÇÃO)¹ BRASILEIRA**

**NAMORADEIRAS:
BETWEEN LÉLIA AND LACAN, A DISCOURSE ANALYSIS OF
BRASILIAN'S DESAVOWAL²**

**NAMORADEIRAS:
ENTRE LÉLIA Y LACAN, UNA ANÁLISIS DEL DISCURSO BRASILEÑO
DE NEGA(CIÓN)³**

Resumo

O presente artigo buscou fazer uma análise crítica da figura cultural das bonecas artesanais "Namoradeiras" presentes cotidianamente nas janelas do Brasil afora. O método de pesquisa utilizado foi teórico-qualitativo e se balizou por referenciais teóricos da análise de discurso, enquanto método de pesquisa em psicanálise. Buscou-se estabelecer uma relação com a leitura de Lélia Gonzalez sobre a cultura brasileira enquanto neurótica por excelência. Dessa análise, depreendeu-se que as namoradeiras analisadas a partir de um viés sócio-histórico, cultural e estrutural, se configuram enquanto manifestação da neurose brasileira, expressão da manutenção da negação do significante mestre, S1, enquanto o significante negro. A figura das bonecas se insere no debate sobre o racismo velado e a reprodução de opressões que são feitas cultural e estruturalmente enquanto uma disposição inconsciente brasileira.

Palavras-chave: análise do discurso, psicanálise, negação, racismo, cultura brasileira.

Abstract

This article pursues making a critical analysis of the cultural figure of the handcrafted dolls "Namoradeiras" present daily in the windows of Brazil abroad. The method was based on qualitative theoretical frameworks of discourse analysis as a psychoanalysis's research method. Its objective was to achieve an analysis of these dolls using Lacanian discourse analysis bases while having Lélia Gonzalez as the referenced author due to her understanding of Brazilian culture as neurotic par excellence. Neurosis, analyzed with a structural and historical bias, culturally and geographically locate the emergence of *namoradeiras* as maintenance of the negation (desavowal) of the master signifier, S_1 , as the black (*negro*) signifier. The figure of dolls is part of the debate about veiled racism and the reproduction of oppressions that are culturally and structurally made as an unconscious Brazilian disposition.

Keywords: discourse analysis, psychoanalysis, desavowal, racism, Brazilian culture.

Resumen

Este artículo busca hacer un análisis crítico de la figura cultural de las muñecas artesanales *Namoradeiras* presentes a diario en las ventanas de todo Brasil. El método de investigación utilizado fue teórica cualitativa y se guió por marcos teóricos del análisis del discurso como método de investigación en psicoanálisis. Su objetivo general es realizar un análisis de las muñecas a partir de bases lacanianas del análisis del discurso, teniendo Lélia González como autora de referencia en su lectura de la cultura brasileña como neurótica por excelencia. Neurosis, analizada con un sesgo estructural e histórico, ubicando cultural y geográficamente el surgimiento de las *Namoradeiras* como mantenimiento de la negación del significante maestro, S_1 , en tanto que significante negro. La figura de muñecas es parte del debate sobre el racismo velado y la reproducción de opresiones que se hacen cultural y estructuralmente como una disposición inconsciente brasileña.

Palabras clave: análisis del discurso, psicoanálisis, negación, racismo, cultura brasileña.

INTRODUÇÃO

Não era a moça que ali estava à janela; mas uma estátua, ou com mais propriedade, a figura de cera do mostrador de um cabeleireiro da moda. A menina cumpria estritamente a obrigação que se tinha exposto; mostrava-se para ser cobiçada e atrair um noivo. (Alencar, 1997, p. 66).

Feitas de barro ou gesso, do busto para cima, com olhar contemplativo e dócil, “a expressão facial é lânguida e sensual” (Silveira, Rocha, Chagas & Caetano, 2018, p.61), geralmente, representando mulheres negras com vestes vivas, estampadas, penteados ornamentados, tinta nos lábios e unhas, acessórios chamativos. Para Gutiérrez (2019), a intenção das namoradeiras é aglutinar “simplicidade, docilidade, sensualidade e cores vibrantes” (p.6, tradução nossa). Não raro, aparecem com uma mão na frente, a cabeça pende para o lado, com o peso da espera do amante que não chegara e não chegaria nunca, daí, namoradeira enquanto nomeação.

A criação das namoradeiras não tem um registro histórico preciso, mas através da tradição oral passada entre artesãos e clientes, elas surgiram em Minas Gerais, quando a relação público-privado começara a se modificar na era colonial, e as namoradeiras eram colocadas aos peitorais das janelas, tal qual as jovens moças que poderiam deixar o regime exclusivo da esfera familiar e se comunicar com o exterior pelas janelas (Gutiérrez, 2019).

Para Silveira et al (2018), dois lados estão presentes no processo de confecção das namoradeiras, tanto para o artesão que as veria enquanto resultado de um processo árduo de seu próprio trabalho – e que muitas vezes, são eles mesmos ou os vendedores, negros e negras –, e por parte do comprador, que as receberia enquanto um objeto de adorno para sua própria casa. Contudo, as namoradeiras seguem uma antiga tradição da produção de ventrículos de pessoas negras, retratadas geralmente em funções outrora desempenhadas por pessoas negras escravizadas – como cuidando do jardim, ou recebendo as visitas na entrada da casa – que correspondem a um modo de produção de significados em prol da validação de um grupo racial em detrimento do outro (GUTIÉRREZ, 2019; KILOMBA, 2019).

OBJETIVOS

A partir dessas considerações, buscou-se tecer uma análise dessas obras, tendo em vista as contribuições da análise do discurso da psicanálise lacaniana e a leitura gonzaleana de fenômenos culturalmente racializados. O objetivo deste artigo foi realizar uma análise das peças artesanais popularmente conhecidas como namoradeiras, partindo das contribuições Lélia Gonzalez e sua hipótese sobre a cultura brasileira enquanto neurótica por excelência, calcada no recalque do significante mestre, S_1 , enquanto o significante negro.

MÉTODO

Para a análise pretendida, foram utilizados os referenciais teóricos da análise de discurso enquanto método de pesquisa em psicanálise, uma vez que este permite analisar o fenômeno escolhido – a manifestação do racismo em produtos culturais – sob seu viés discursivo. A análise de caráter qualitativo se balizou na perspectiva lacaniana de análise do discurso, que, enquanto método investigativo, se propõe a investigar a linguagem enquanto uma estrutura que sustenta tanto a materialidade histórica quanto do inconsciente. Assim, fez-se uma análise estrutural e histórica, localizando cultural e geograficamente o advento das namoradeiras, permeada pela noção de inconsciente através das contribuições de Gonzalez (2020).

Nessa perspectiva, o discurso é entendido enquanto uma articulação entre ideologia, inconsciente e linguagem (Pêcheux, 2006). Assim, o objetivo da análise do discurso seria investigar o que permite a um sujeito ou grupo a formulação de um determinado dizer, ou qual seria a materialidade que sustenta determinadas noções. Dessa forma, numa perspectiva psicanalítica, analisar seria também reinventar, desarticular estruturas significantes para promover a possibilidade de outras articulações possíveis. Assim,

Um enfoque discursivo supõe abordar e trabalhar as determinações (materiais) que incidem sobre certo material linguístico com o subentendido de que esse material é o suporte de um processo, acontecimento ou experiência de transformação – subjetivo, conceitual, histórico. Esta seria uma tarefa elementar de uma prática de análise do discurso: examinar os fundamentos e mecanismos linguístico-discursivos de um acontecimento ou experiência transformativos (Dunker, Paulon & Milán-Ramos, 2016, pp. 23-24).

Assim, ao analisar as namoradeiras como mais que produtos artesanais, pensando no processo sócio-histórico, apostamos que elas resguardam aspectos de uma possível materialização discursiva que sustenta esse entendimento. Essa perspectiva não necessariamente toma os cânones da psicanálise como seu centro gravitacional, mas faz jus a uma leitura que utilizaria os mecanismos estratégicos para sua função analítica, assim como colocado por Beividas (1999).

O método psicanalítico também se aplica fora do setting analítico pois a compreensão de sujeito, numa leitura lacaniana, é ilustrada por Lacan (2005) pela figura topológica da banda de moebius, em que uma fita faz uma volta em si, formando uma figura em que o dentro e o fora se dissolvem em uma única volta. Dessa forma, o sujeito é compreendido enquanto pertencente ao social e vice-versa, em indissociação. E, para acessar a complexidade de fenômenos sociais e suas particularidades de incidência em diferentes grupos e sujeitos, o discurso seria uma via para análise na medida em que,

O discurso é um laço social que não se reduz à soma das suas falas individuais, mas é uma espécie de condição de possibilidade para um conjunto de enunciados possíveis. Cada dado ou material discursivo é, em sua estrutura mínima, uma composição de elementos linguísticos que comportam, pelo menos virtualmente, a emergência do sujeito (Dunker, Paulon & Milán-Ramos, 2016, p. 18)

DISCUSSÃO

Neurose cultural brasileira e o S_1

Para o debate acerca da concepção de Gonzalez (2020) da cultura brasileira, é necessário resgatar o diálogo que a autora estabelece com Magno (1987). Para ele, a cultura brasileira estaria pautada em uma lógica de tentar se espelhar em estrangeirismos derivados de uma compreensão arraigada em referenciais calcados em uma tradição europeia que não diriam respeito aos processos histórico-sociais do país. O autor se coloca fortemente contra o discurso de combate ao chamado jeitinho brasileiro, na medida em que, para ele, essa invenção denotaria uma criação particular que demonstra uma artificialidade e arbitrariedade da lei. Agir de maneira coercitiva a essa resposta criada pelo brasileiro, seria tentar recalcar o retorno do recalcado, em suas palavras, sendo o recalcado a evidência de que seríamos brasileiros, ponto, não europeus. Para o autor, portanto, o jeitinho brasileiro, de contornar a lei, seria um processo análogo a uma resposta neurótica, tal qual uma via sintomática.

Da mesma forma, Gonzalez (2020) concorda que a cultura brasileira operaria pelos mesmos ditames da neurose, na medida em que, o neurótico “. . . constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o libera da angústia de se defrontar com o recalçamento” (p. 84), sendo a ideia recalçada, justamente, a de que a cultura foi instaurada a partir do significante negro. Tanto a função materna, que faria valer à entrada na linguagem quanto a função paterna, cuja inscrição opera o acesso ao registro simbólico, para a autora, não estariam desarticuladas do significante negro e negra.

Partindo da função paterna enquanto “a função de ausentificação que promove a castração [...] que, como o zero, ela se caracteriza como a escrita de uma ausência” (Gonzalez, 2020, p. 89), Gonzalez articula a ideia de que a adolescente neurótica, vulgo cultura brasileira, seria resultado da operação da função paterna, ou seja, aquele que opera tendo como efeito, o saber sobre castração. Assim, o Nome-do-Pai, na operação lógica, substitui o saber sobre a castração, instaurando o sujeito enquanto dividido, ou seja, aquele que sabe – inconscientemente – sobre a castração. Disso, resulta a produção do inconsciente (S1, [S2]), ou seja, a cadeia significativa do sujeito, que se organiza a partir dos significantes mestres, representados como S1.

Gonzalez (2020) ressalta que a falta, inscrita pela castração, seria tratada, culturalmente, pela colocação de algo que a tamponasse, cuja manifestação na coletividade seriam os mitos e as construções culturais diversas. A autora diz:

Acompanhando as sacações de Magno, a gente fecha com ele ao atribuir ao significante Negro o lugar de S₁. Para isso, basta que a gente pense nesse mito de origem elaborado pelo Mário de Andrade que é o Macunaíma. Como todo mundo sabe, Macunaíma nasceu negro, “preto retinto e filho do medo da noite” [...]. Mas a gente não pode esquecer que Macunaíma é herói da nossa gente. E ninguém melhor do que um herói para exercer a função paterna. Isso sem falar nos outros, como Zumbi, Ganga Zumba e até mesmo Pelé. [...] Eles estão aí como repetição do S₁, como representações populares do herói (Gonzalez, p. 90).


Em diálogo com Magno (1987), Gonzalez aponta como os heróis ditos oficiais de nada teriam de representativo da cultura brasileira. Assim, haveria um movimento de ocultação, que para a autora, corresponderia a uma ocultação da própria castração: “Por que será que dizem que preto correndo é ladrão? Ladrão de quê? Talvez de uma onipotência fálica” (Gonzalez, 2020, p. 90).

Outro aspecto que fundamenta essa tese de Gonzalez é o papel que atribui à mulher negra na sociedade, enquanto aquela que seria a figura responsável pela promoção da entrada na cultura, pela figura da “Mãe Preta”, aquela que aparece nas figuras de babás e amas de leite, que para a autora, foram as que passaram o português africanizado, “pretuguês”⁴, às crianças brasileiras.

E, se levamos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como fator de humanização, ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por esta razão que a cultura brasileira é eminentemente negra. É isto, apesar do racismo e de suas práticas contra a população negra, enquanto setor concretamente presente na formação social brasileira (Gonzalez, 2020, pp. 40-41)

Embora de função primordial na cultura brasileira, Gonzalez ressalta o ambíguo caráter em que a mulher negra ocupa na sociedade brasileira. A autora ressalta que além do constante apagamento de mulheres negras dos espaços de representação, há também um esforço no apagamento de sua dignidade, ao ser reduzida às atividades laborais de menor prestígio social: “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (Gonzalez, 2020, p.78).

Gonzalez (2020) articula que recairia sobre as mulheres negras a herança do período escravocrata da permanência e solidificação de seus corpos ao signo da mucama. Essa que, no período escravocrata, era a mulher escravizada responsável pelos trabalhos domésticos, vezes dos filhos do senhor e dos seus, além de também ter a função de ama-de-leite. Gonzalez articula que haveria uma continuidade temporal em que a mulher negra só seria admitida exercendo tais funções, ou similares, com uma exceção: o carnaval. A autora ressalta que, contudo, a prestação de serviços no sistema produtivo (tanto no antigo escravocrata, quanto no atual capitalista), não estaria dissociada da prestação de serviços sexuais.



“...essa imagem dócil, sensual, cujos atributos remetem ao sexo: lábios tingidos de vermelho, uma postura salientando os seios, além da própria nomeação: namoradeira, cujo sufixo “eira” indica uma relação de ofício, tal como padeira, cabelereira, copeira, uma mulher negra cuja profissão é namorar.” (p. 81)

Dessa contradição, Gonzalez ressalta: “Quando se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto a” (Gonzalez, 2020, p. 92). Com essa afirmação, a autora ressalta o caráter ambíguo da mulher negra na sociedade brasileira, em que, a raça opera enquanto promotora, causa de desejo, ao passo que produz angústia, já que o objeto a⁵ denota a não existência do falo, a impossibilidade de fazer calar a falta.

Kilomba (2019) trabalha com a ideia de que o racismo é um fenômeno eminentemente discursivo, um dos exemplos que baseiam a afirmação da autora é uma das entrevistas que faz na sua tese, em que a entrevistada, uma mulher negra, conta que seu namorado, um homem branco, ao cheirar seu cabelo e sentir o cheiro de óleo de coco faz uma associação, dizendo que o cheiro, o lembrou de uma canção, cujo teor era um canto colonial em que os africanos eram descritos como macacos. Assim, “. . . ele [o racismo] funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes: africano – África – Selva – selvagem – Primitivo – inferior – animal – macaco” (Kilomba, 2019, p. 130). Em diálogo com a leitura de Gonzalez (2020), pode-se dizer que o racismo apareceria enquanto sintoma da neurose brasileira, em que haveria uma solidificação e cristalização de determinados significantes que, na maioria das vezes, acabariam por ser associados pelas mesmas vias significantes, tal qual descreve Kilomba (2019).

Segundo Rosa (2004) a psicanálise implica em uma indissolubilidade entre o sujeito e o social, essa contingência se insere de forma possível porque já em Freud existem indicações de "problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico" (p. 331). Isso comportaria a noção de uma psicanálise aplicada - uma vez que não é possível pensar o sujeito cindido do social, há uma complementaridade inerente. A psicanálise forneceria então uma leitura possível para o racismo, entretanto de maneira tangente e muitas vezes marginal a esse fenômeno complexo.

Objetos coloniais: namoradeiras e a dialetização do S₁

Em outra entrevista da tese de Kilomba (2019) a entrevistada é uma mulher negra moradora da Alemanha, cuja vizinha tinha um boneco negro caricato no jardim, “. . . essas bonecas negras apareceram nos Estados Unidos no período pós-escravização como objetos decorativos para famílias brancas. Seu surgimento, portanto, coincide com a abolição da escravização e com a ausência física de escravizadas/os nas plantações” (Kilomba, 2019, p.197). A entrevistada de Kilomba chegou a confrontar a vizinha e pediu que o boneco fosse retirado, ao que foi respondida de que era um objeto “fofo”. A autora, portanto, afirma que essas representações são uma forma de presentificar o passado, trazendo uma cena colonial à tona,

(...)por que as pessoas brancas estão tão interessadas em decorar suas casas com bonecos, lâmpadas e tantos outros objetos coloniais que representam o corpo negro escravizado? Por que esses objetos criam tanta satisfação estética? E por que é tão importante que o sujeito branco esteja cercado de imagens de escravizadas/os? Parece que, através de tais objetos, o sujeito branco recupera uma perda recente. A perda de um bom objeto externo, a/o escravizada/o, é assim reparada pelos bonecos negros, que vêm substituir as/os anteriores. Trata-se da recriação do cenário da escravização, que o sujeito branco insiste em ter. (Kilomba, 2019, p. 198).

É nessa tradição da reatualização de objetos coloniais, que Gutiérrez (2019) insere as bonecas namoradeiras. O autor faz sua análise em Porto Alegre, acompanhando uma artesã que vende as bonecas. Ele observa que, um primeiro ponto, é que as bonecas destoam dos artesanatos locais, que remetem à identidade gaúcha. E, geralmente, são compradas por turistas, mais do que por moradores da região, como um símbolo de uma brasilidade.

Ponto convergente entre Gutiérrez (2019) e Kilomba (2019) é uma satisfação estética que também ocorre no caso das namoradeiras. Quem as tem, defende que elas combinam nas casas, contam uma história, Para Gutiérrez (2019),

Por meio da “fofura” colorida e exótica que a torna ocasionalmente desejável, a forma de namoradeira ilustra outra visão de feminilidade racializada que foi central para a teoria seminal da democracia racial... no início dos anos 1930 (p. 10, tradução nossa).

Assim, essa representação corresponde a uma expressão imaginária sintomática da estrutura racista brasileira, parcialmente sublimada. O que não fica dito sobre a acepção de que o/a negro/a na sociedade deveria ocupar esse lugar subalterno, é transmitido pelas bonecas. Com Kilomba temos que,

Ao ver o boneco negro, Kathleen [entrevistada do doutorado da autora] é lembrada do “lugar” em que a mulher branca gostaria de tê-la. Representações racistas têm a dupla função de manter a fantasia do sujeito branco de que a/o “Outra/o” ainda está “em seu lugar” e, ao mesmo tempo, anuncia publicamente ao sujeito negro qual é o “seu lugar” na sociedade. Ou seja, eles falam “sobre” e “para” o sujeito negro (KILOMBA, 2019, p.199)

Essa ideia de feminilidade pontuada pelo autor, corresponde a ideia de que as mulheres negras seriam junto com o homem branco, uma espécie de casal mítico povoador do povo brasileiro, a partir dos quais, seriam produzidos sujeitos cada vez mais brancos. Assim, a insuportabilidade da diferença racial seria minada, mas através desse convívio pacífico – que de pacífico nada teve (Restier, 2019). Para tanto, se faria necessária essa imagem dócil, sensual, cujos atributos remetem ao sexo: lábios tingidos de vermelho, uma postura salientando os seios, além da própria nomeação: namoradeira, cujo sufixo “eira” indica uma relação de ofício, tal como padeira, cabelereira, copeira, uma mulher negra cuja profissão é namorar. Como apontado por Gonzalez (2020), reforçando a ideia de que a mulher negra não aparece em representações desassociadas de serviços sexuais.

Significante mestre e a sua dialetização na cultura brasileira

Para Gonzalez (2020) a neurotização da cultura brasileira parte de uma tensão constante entre o dentro dos limites do que seria povo e sua cultura e a impossibilidade de ser um outro povo e cultura – a branca. Essa dupla inscrição dialética infere sobre a questão de que, em última instância, o racismo em si de nada quer saber do negro, porque, o negro por sua vez, enquanto significante mestre da cultura brasileira, acarreta sua própria exclusão da cadeia significante.

O significante mestre, acompanhando o pensamento de Gonzalez, tem como característica uma operabilidade mesmo que não se saiba de sua ação. O seu recalque é, justamente, o que promove a possibilidade de um reaparecimento velado e deslocado. Retomando as contribuições freudianas, o autor coloca que os sujeitos teriam como forma de tratar aquilo que não é suportável para a consciência, deslocando seu significado ou até acompanhando a afirmação com um “não”. Seria uma forma de manter o recalque operando, mas ainda assim, transmitir a ideia (FREUD, 1925). O significante negro estaria recalcado enquanto fundante da cultura brasileira, e só passaria pela barra do recalque associado a um outro significante, ou, à negação de um lugar que lhe conferisse importância. Assim, a mulher negra, mas enquanto mucama, negra-mucama, passa a ser aceitável.

É na inscrição da castração simbólica por meio da exclusão, ou seja, por meio da retirada da marca da presentificação da ausência – aqui entendido enquanto negro –, que o nome-do-pai é posto para fora para que se inaugure a ordem significante e se formem os conjuntos subsequentes.

Por isso, a gente vai tentar apontar praquela que tascou sua assinatura, sua marca, seu selo (aparentemente sem sê-lo), seu jamegão, seu sobre-nome como pai dessa “adolescente neurótica” que a gente conhece como cultura brasileira... Função paterna é isso aí. É muito mais questão de assumir do que de ter certeza. Ela não é outra coisa senão a função de ausentificação que promove a castração. É por aí, graça a Frege, que a gente pode dizer que, como o zero, ela se caracteriza como a escrita de uma ausência. É o nome de uma ausência . . . É por isso que a gente falou de sobrenome, isto é, nesse S_1 que inaugura a ordem significante de nossa cultura. Acompanhando as sacações de Magno, a gente fecha com ele ao atribuir ao significante Negro o lugar de S_1 . (Gonzalez, 2020, pp. 88-89).

O racismo configurado pela negação só pode funcionar quando sua inscrição simbólica do S_1 se mantém de fora da cadeia, assim, com a saída do negro das demarcações solidificadas pelo racismo estrutural, o que resta é a angústia para a cultura brasileira que se pensa como branca, pois isso seria uma negação de sua brancura. Para que o funcionamento neurótico opere, tanto para Gonzalez (2019) quanto para Lacan (1985), é necessário que o significante mestre se mantenha fora da cadeia, sendo expulso a toda tentativa de retorno – mas o que a neurose não cessa de esquecer é que o significante retorna e sempre fala pelos seus sintomas.

Para Gonzalez (2020), o nome-do-pai seria aquilo que inscreve uma ausência, portanto, demonstra a presentificação da falta. Frente o signo do nome-do-pai negro, o que resta é a operação neurótica de recalque – como se dele não se soubesse –, uma vez que denuncia a não completude do ideal de brancura. É desta maneira que a identidade do sujeito brasileiro é produzida e forjada no mito neurótico da branquitude enquanto ideal de sujeito como colonizador europeu. Essa ficção promove o mecanismo sintomático de negação/recalcamento da constituição da cultura Brasileira produzida pela angústia ao se defrontar com o estranho, o incômodo e (in)familiar, o *unheimlich*⁶ da nossa cultura – sob signo da negritude.

A negação do racismo enquanto estrutura fundante da neurose brasileira é justamente uma produção inconsciente discursiva do desconhecimento da população sobre si mesma (Gonzalez, 2020). O que conservaria a condição adoecida da cultura neurótica brasileira seria, justamente, o caráter cristalizado de identificação enquanto uma cultura idealizada espelhada numa noção imaginária de europeu-todo, não castrado, e sucessivas reedições dessa identidade.

No caso das bonecas namoradeiras o que se tem é a nega[ção] desse processo, representada na personificação utilitária, sempre a espera, sempre passivamente a postos e às vistas daquele a quem tem função de uso (para o prazer) e de descarte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou fazer uma historização discursiva do lugar ocupado pela boneca namoradeira, desnaturalizando-a enquanto um mero objeto decorativo, entendendo que há uma determinação constituída pelo entrelaçamento de representações socialmente difundidas do sujeito negro. Para tanto, a leitura gonzaleana se mostrou pertinente atualmente na medida em que forneceu subsídios para se pensar o processo cultural que criou e mantém dessa estrutura. Pensando com Gonzalez (2020), as namoradeiras seriam a materialização de sua máxima da mulher negra enquanto objeto a: sendo tanto o resto, quanto aquilo que promove desejo, na produção e manutenção de uma estrutura neurótica solidificada pelo ecoamento do racismo.

Para Hook (2019, p.86), “[...] um nome começa a funcionar como um significante mestre quando apesar do predomínio de um significado consensual, ele começa a significar muitas coisas para muitas pessoas, as quais permanecem identificadas com – ou contra – o que é pensado para significar”. Não é à toa, que Gonzalez (2020) resgata a figura de Zumbi dos Palmares para ilustrar o significante negro. Zumbi tanto foi – e é – lido enquanto o líder do maior quilombo que existiu quanto enquanto o maior medo dos senhores de engenho da época, que poderiam ser atacados por esse negro que “não sabia seu lugar”.

A partir disso, entende-se por qual maneira o significante negro corriqueiramente aparece sucedido de significantes que apontam a uma cristalização em um lugar de inferioridade, tal como, anteriormente, apontado por Kilomba (2019) e Gonzalez (2020). A construção das namoradeiras enquanto um adorno popular nas casas brasileiras, remonta à repetição da cultura neurótica brasileira em afirmar a sintomática cristalização das mulheres negras enquanto objetos sexuais, permitindo a manutenção da cultura calcada no racismo e sexismo.

NOTAS

1 - Gonzalez (2020) utiliza no texto Racismo e Sexismo na cultura brasileira o termo negação (Verneinung, no alemão), entendido enquanto o mecanismo de defesa da neurose. Contudo, em A categoria político-cultural de amefricanidade, a autora utiliza-se do termo denegação, que também pode ser entendido enquanto o desmentido (Verleugnung, no alemão), entendido enquanto o mecanismo de defesa da perversão, ou seja, aquele que tem a castração inscrita, porém a desmente.

2 - The translation of the german word Verleugnung into brazilian portuguese is read here from a homophony of the agglutinated signifiers of negation and black (people).

3 - La traducción de la palabra alemana Verleugnung al portugués brasileño se lee aquí a partir de una homofonía de los significantes aglutinados de negación y negro.

4 - "Pretuguês" enquanto uma apropriação e transformação da língua pela fala, a fala do povo preto com a herança de línguas africanas, como o quimbundo, insiste em não se apagar pela colonização linguística do Português europeu. O brasileiro, para Lélia Gonzalez (2020) não fala português, mas sim invoca o pretuguês para falar por ele.

5 - Lacan reivindica que o único conceito que ele realmente introduz como contribuição conceitual para a psicanálise é o objeto a. Esse conceito se faz presente em sua obra desde o início de sua teorização quando trabalha a questão do estádio do espelho; ele é, de maneira resumida e grosseira, o objeto causa de desejo (que está na raiz da angústia do que não pode ser representado pelo sujeito) (Lacan, 2005) posterior ao desejo e organiza os discursos (sendo no discurso capitalista relacionado à mais-valia e ao resto, o mais-de-gozar - plus-de-jouir (Lacan, 2016). Com funções distintas, Gonzalez (2020) utiliza do objeto a com essa conceitualização próxima ao objeto a como causa do desejo/ resto do que não pode ser representado.

6 - *Unheimlich* é o termo em alemão utilizado por Freud (2006); e difícil tradução, no inglês primeiramente foi traduzido como uncanny e em português por "estranho", palavras que comportam aquilo que é esquisito, misterioso, excepcional, incomum (Freud, 2006) ao mesmo tempo que traz algo familiar. Recentemente novas edições trazem o Das Umheimlich como "O Infamiliar" (Freud, 2019) comportando a dialética de algo que é ora estranho ora familiar, ora os dois; e como "O Incômodo" (Freud, 2021) comportando uma dimensão de algo que deveria permanecer em segredo, sigiloso, escondido, mas escapa e pode reaparecer.

REFERÊNCIAS

- Alencar, José. (1997). Senhora. In: Alencar, José. *Clássicos Scipione*. São Paulo: Editora, p.3-188.
- Beividas, Waldir. O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. 1999, v. 12, n. 3 [Acessado 27 Outubro 2021] , Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300008>>. Epub 01 Mar 2000. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300008>.
- Dunker, C. I. L., Paulon, C. P. & Milán-Ramos, J.G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Freud, Sigmund. O "Estranho" [1919]. In: Freud, Sigmund. *Uma neurose infantil e outros trabalhos. Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol XVII (1917 - 1919)* (2006) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund. (2019). O infamiliar [das Unheimliche]. O infamiliar [das Unheimliche].(1919) Belo Horizonte: Autêntica Editora. pp. 27–125.
- Freud, Sigmund. *O incômodo*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Editora Blucher, 2021.
- Gonzalez, Lélia. (2020) *Por um feminismo afro-latino-americano (1975 – 1995): ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios, Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gutiérrez, Jesús. (2019) Animate doll, tropical fetish: structures of race and property in the artisanal folklore of postcolonial brazil. *Revista Literatura em Debate*, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 24, p. 168-188, jun.
- Hook, Derek. (2019) O significante mestre, análise de discurso e o inconsciente. In: Lara-Junior, N., Dunker, C. I. L. (orgs) *Análise laciana de discurso: subversão e pesquisa crítica*. Curitiba: Appris Editores.
- Kilomba, Grada. (2019) *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lacan, Jaques. (1985) *O Seminário: livro 3, as psicoses (1955 - 1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, Jaques. (2005) *O Seminário: livro 10, a angústia (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, Jaques. (2005) *O Seminário: livro 17, o avesso da psicanálise (1969 - 1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Magno, MD. (1987) Neurobrás \$ôa. Conferência proferida no IV Congresso Brasileiro de Psicanálise d'A Causa Freudiana. Porto Alegre, 9 outubro 1987. In: *Boletim Maisum*. Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, pp. 3841-3868.
- Rosa, Miriam Debieux. (2004) A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 42, p.329-348, set.
- Silveira, A. C., Rocha, W. T., Chagas, L. B., Caetano, P. H. (2018). Entre um design artesanal e um discurso midiático: "namoradeira" e a "bela, recatada e do lar". *Revista Húmus*, v.7, p. 55-66, 2018.
- Pêcheux, Michel. (2006) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 4ª Ed.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Prioste, G.M.; Pereira, J.O. (2021). Namoradeiras: entre Lélia e Lacan, uma análise do discurso da (de)nega(ção) brasileira. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 67-88.

RECEBIDO EM: 02/07/2021
APROVADO EM: 01/11/2021